UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

ELISAMA BORBA OLIVEIRA ROCHA

Estratégias de enfrentamento e expressividade na fala em público

Belo Horizonte
2022

ELISAMA BORBA OLIVEIRA ROCHA

Estratégias de enfrentamento e expressividade na fala em público

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Fonoaudiologia.
Orientadora: Letícia Caldas Teixeira
Coorientadora: Anna Carolina Ferreira Marinho

Belo Horizonte

2022

RESUMO EXPANDIDO

Introdução: Universitários vivenciam diversas atividades de fala em público durante o percurso acadêmico. Essas atividades, muitas vezes, geram ansiedade e medo de falar em público. O uso de estratégias de enfrentamento positivas, auxiliam o indivíduo a lidar com o estresse e aperfeiçoar suas habilidades de comunicação em público. **Objetivo:** Identificar as estratégias autorreferidas de enfretamento da fala em público e determinar a relação com as variáveis sociodemográficas, autopercepção da expressividade e da comunicação em público. **Método:** Trata-se de um estudo analítico de delineamento transversal, com 379 estudantes universitários da área da saúde. Os instrumentos de investigação utilizados foram a Escala de Auto Avaliação ao Falar em Público-SSPS, e um questionário elaborado pelos pesquisadores, contendo informações sociodemográficas (idade, sexo, período de graduação), perguntas de autopercepção da comunicação em público, autopercepção da expressividade e perguntas sobre as estratégias de enfrentamento autorreferidas durante a fala em público. Para verificar a associação do enfrentamento com as variáveis explicativas foi utilizado o teste Qui-quadrado de *Pearson*, teste Exato de *Fisher e* regressão logística univariada. As variáveis com associação estatisticamente significante foram incluídas no modelo de regressão logística multivariada, foi aferida pela *Odds ratio* a análise da magnitude de associação. **Resultados:** A maioria da amostra era de mulheres (75,2%), acima de 25 anos (72,8%), que utilizavam melhores estratégias de enfrentamento na fala em público (58%). Encontrou-se associação entre o enfrentamento da fala em público, com o medo de falar em público ($p<0,001$), participação em atividades da fala em público ($p<0,001$), habilidade de influenciar os outros com a comunicação ($p=0,001$), captar e manter a atenção do ouvinte ($p<0,001$), busca melhorar a comunicação ($p=0,001$), intensidade vocal ($p=0,003$), velocidade de fala ($p=0,022$), dicção ($p=0,002$), projeção vocal ($p<0,001$), contato visual ($p<0,001$), gestos ($p<0,001$) e autopercepção da fala em público ($p<0,001$). Observa-se no modelo final de regressão logística que os universitários que relatam que não têm medo de falar em público, que captam e mantém a atenção do ouvinte, fazem muito contato visual e utilizam-se de gestos abertos e expandidos, possuem mais chances de utilizarem estratégias de enfrentamento positivas para falar em público (4,58, 8,75, 1,57 1,91, respectivamente). Os estudantes que participam de poucas atividades de

falar em público, que acreditam que não influenciam o outro com a comunicação e se autopercebem negativamente ao falar em público, possuem menos chances de usar estratégias de enfrentamento positivas (0,21; 0,45; 0,26 respectivamente). **Conclusão:** Universitários da área da saúde utilizam predominantemente estratégias de enfrentamento positivas para falar em público. Há mais chances de ter enfrentamento positivo entre aqueles que não tem medo de falar em público, que autopercebem que captam e mantem a atenção do ouvinte e que utilizam muito contato visual e gestos abertos para se comunicar. O uso dessas estratégias positivas fica reduzido quando os universitários participam de poucas atividades de fala em público, têm uma autopercepção negativa da fala em público e da capacidade de influenciar o outro com a própria comunicação.

REFERÊNCIAS

1. Osório Fl, Crippa JA, Loureiro SR. Aspectos Cognitivos do falar em público: validação de uma escala de autoavaliação para universitários brasileiros. Rev Psiq Clin. 2012;39(2):48-53.

2. D'El Rey GJF, Pacini CA. Medo de falar em público em uma amostra da população: prevalência, impacto no funcionamento pessoal e tratamento. Psic.: Teor. e Pesq. 2005;21(2):237-42

3. Angélico AP, Bauth MF, Andrade AK. Estudo Experimental do falar em público com e sem plateia em universitários. Psico-USF. 2018;23(2):347-59. http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230213.

4. Marinho ACF, Medeiros AM, Lima EP, Pantuza JJ, Teixeira LC. Prevalence and factors associated with fear of public speaking. CoDAS. 2019;31(6):e20180266. http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20192018266 PMid:31644711.

5. Maldonado I, Reich M. Estrategias de afrontamiento y medo a hablar em público en estudiantes universitários a nível de grado. Cienc Psicol. 2013;7(2):165-82.

6. Azevedo RAS; Fernandes ACN; Ferreira, LP. Oficina de expressividade para universitários em situação de apresentação de seminários. Distúrbios da Comunicação, 2013; 25(3): 458-476.

7. Grilo AP; Pina-Oliveira AA; Puggina ACG. Falar em público: relações com competência em comunicação, ansiedade e experiências de oratória de discentes. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro, v. 9, 2019.

8. Pedrotti CA, Behlau M. Recursos comunicativos de executivos e profissionais em função operacional. CoDAS. 2017;29(3):e20150217. http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20172015217 PMid:28538820.

9. Folkman S. Stress, Health, and Coping: Synthesis, Commentary, and future directions. In: ____. The Oxford Hand Book of Stress, health and coping. New York, NY: Oxford University Press; 2011. p. 453-62.

10. Nascimento RB, Araújo IFL, Vieira ES, Oliveira ACA., Araújo RLMS. Estratégias de enfrentamento para manutenção da saúde mental do trabalhador em tempos de Covid-19: Uma Revisão Integrativa. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde. 2021;10(1), 181-197. http://dx.doi.org/10.17267/2317-339 4rpds.v10i1.3201.

11. Tee XT, Joanna TAT, Kamarulzaman W. A systematic review of selfcoping strategies used by university students to cope with public speaking anxiety. English language teaching; 2020. 13(10), 57 – 73.

12. Kyrillos L. Expressividade: da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. A expressividade nas empresas: dos “workshops” aos “media training”; p. 267-83.

13. Penteado RZ, Pechula MR. Expressividade em Jornalismo: interfaces entre Comunicação, Fonoaudiologia e Educação. Intercom Rev Bras Ciências da Comun. 2018;41(1):153-66. http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201818.

14. Santos TD, Andrada e Silva MA. Comunicação não verbal com profissionais da voz: o que se pesquisa na fonoaudiologia. Rev CEFAC. 2016;18(6):1447-55. http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620161865116.

15. Borrego MCM, Behlau M. Recursos de ênfase utilizados por indivíduos com e sem treinamento de voz e fala. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2012;17(2):216-24. http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342012000200019.

16. Marinho ACF. Medo de falar em público e timidez em universitários. Belo Horizonte. Tese [Programa de Pós-Graduação em Ciências Fonoaudiológicas] - Universidade Federal de Minas Gerais; 2018.

17. Semesp. Sindicato da Mantenedoras do Ensino Superior de São Paulo. Mapa do Ensino Superior no Brasil 2020. 10º edição. Assessoria Econômica do Semesp: 2020.

18. Haddad AE, Morita MC, Pierantoni CR, Brenelli SL, Passarella T, Campos FE. Formação de profissionais de saúde no Brasil: uma análise no período de 1991 a 2008. Rev Saúde Pública 2010; 44(3):383-393.

19. Teixeira JAC. Comunicação em saúde: relação técnicos de saúde - utentes. Aná. Psicológica 2004; 22(3):615-620.

20. Biscarde DGS, Pereira SM, Silva LB. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. Interface (Botucatu). 2014; 18(48):177-86.

21. Dwyer KK, Davidson MM. Is public speaking really more feared than death?. Communication Research Reports; 2012. v. 29, n. 2, p. 99-107.

22. Russell G, Topham P. The impact of social anxiety on student learning and well-being in higher education. J Ment Health. 2012;21(4):375–385. [PubMed] [Google Scholar].

23. Hancock AB, Stone MD, Brundage SB, Zeigler MT. Public speaking attitudes: does curriculum make a difference? J Voice. 2010;2(3):302-7. http://dx.doi.org/10.1016/j.jvoice.2008.09.007 PMid:19481418.

24. Kondo DS; Ying-Ling Y. Strategies for coping with language anxiety: The case of students of English in Japan. Elt Journal; 2004. v. 58, n. 3, p. 258-265, 2004.

25. Vasconcellos L, Otta E. Comparação do comportamento gestual entre maus e bons oradores durante a comunicação em público. Psicologia em Revista. 2003; v. 9, p. 153-158.

26. R. Grieve, J. Woodley, S. E. Hunt & A. McKay (2021) Student fears of oral presentations and public speaking in higher education: a qualitative survey, Journal of Further and Higher Education, 45:9, 1281-1293, DOI: 10.1080/0309877X.2021.1948509.

27. Neiva TMA, Gama ACC, Teixeira LC. Expressividade vocal e corporal falar bem no telejornalismo: resultados de treinamento. Rev CEFAC. 2016;18(2):498-507. http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620161829415

28. Pennini C, Vieira VP, Moret F, Madazio G, Behlau, M. Identificação de aspectos comunicativos na locução de repórteres de televisão. Distúrbios da Comunicação; 2018. 30(4), 776-784.

29. Vieira AC, Behlau M. Análise de voz e comunicação oral de professores de curso pré-vestibular. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2009;14(3):346-51.

30. Loiola CM, Ferreira LP. Coral amador: efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica. Rev CEFAC; 2010.12(5):831-41.